

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

THE LITERACY PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISM

EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN DE LOS NIÑOS CON AUTISMO

ANTONIO BRUNO DE SOUSA SAMPAIO⁴
JANAÍNA FIUSA DE ANDRADE⁵
MARIA MÁRCIA RODRIGUES⁶

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compreender o processo de alfabetização nos anos iniciais de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA). Falarmos em autismo, significa refletirmos sobre educação inclusiva, modalidade que perpassa por todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. Nesse sentido, foi realizado um estudo de cunho bibliográfico para fundamentação desta pesquisa com base em autores como Quixaba (2015), Veiga (2006), Sasaki (1999), Ferreiro (2000), Silva (2013), Gauderer (1997), Rosita Edler (2006). Além de documentos legais como a LDB N° 9.394/96 e a lei N° 12.764/2012 que trata da Política Nacional de proteção aos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. É importante entendermos que cada criança tem seu tempo e formas diferentes para se desenvolver. Assim, a escola e professores devem estar preparados para criar mecanismos e estratégias para facilitar a aprendizagem dessas crianças.

ABSTRACT: This article aims to understand the literacy process in the early years of children with autism spectrum disorder (ASD). To talk about autism means to reflect on inclusive education, a modality that goes through all levels, stages, and modalities of teaching. In this sense, a bibliographic study was conducted to support this research based on authors such as Quixaba (2015), Veiga (2006), Sasaki (1999), Blacksmith (2000), Silva (2013), Gauderer (1997), Rosita Edler (2006). In addition to legal documents such as LDB No. 9,394/96 and Law No. 12,764/2012 that deals with the National Policy for the protection of the rights of people with autism spectrum disorder. It is important to understand that each child has their own different time and ways to develop. Thus, the school and teachers should be prepared to create mechanisms and strategies to facilitate the learning of these children.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo comprender el proceso de alfabetización en los primeros años de los niños con trastorno del espectro autista (TEA). Hablar de autismo significa reflexionar sobre la educación inclusiva, una modalidad que pasa por todos los niveles, etapas y modalidades de enseñanza. En este sentido, se realizó un estudio bibliográfico para apoyar esta investigación basado en autores como Quixaba (2015), Veiga (2006), Sasaki (1999), Blacksmith (2000), Silva (2013), Gauderer (1997), Rosita Edler (2006). Además de documentos legales como LDB N° 9,394/96 y la Ley N° 12,764/2012 que trata de la Política Nacional para la protección de los derechos de las personas con trastorno del espectro autista. Es importante entender que cada niño tiene su propio tiempo y formas diferentes de desarrollarse. Por lo tanto, la escuela y los maestros deben estar preparados para crear mecanismos y estrategias que faciliten el aprendizaje de estos niños.

Palavras chaves: Processo Alfabetização. Transtorno do Espectro Autista;

⁴Bruno Sampaio discente do curso de pedagogia 7º semestre, Faculdade Plus. E-mail: sousab750@gmail.com

⁵Janaína Fiusa discente do curso de pedagogia 7º semestre, Faculdade Plus. E-mail: janainafiusa5@gmail.com

⁶Marcia Rodrigues discente do curso de pedagogia 7º semestre, Faculdade Plus. E-mail: rodrigueslala809@gmail.com

Keywords: Literacy Process. Autism Spectrum Disorder.

Palabras clave: Proceso de alfabetización. Trastorno del espectro autista.

INTRODUÇÃO

Devemos fazer uma reflexão sobre os processos de ensino com crianças autistas, as práticas docentes e um olhar diferente. Buscamos analisar a prática docente, com crianças, que estão no processo de alfabetização, que possuem o transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Veiga (2006), o processo de ensino, requer do professor a necessidade de promover a interação que deve existir entre ambas as partes, dessa forma, criar métodos inovadores do pensar, sentir e no agir em relação ao contexto pedagógico.

O desenvolvimento da autonomia e competências se dá através da Aprendizagem. Aprender é construir capacidades, tornar se capaz de fazer aquilo que, antes, não se conseguia. Nesse presente artigo, foi abordado de uma forma clara e objetiva. Os processos de alfabetização de crianças com autismo. Nessa perspectiva, consideramos que é importante debatermos sobre essa temática, uma vez que devemos utilizar recursos e práticas para abordagem do respectivo tema, numa sociedade tão pouco trabalhada nos espaços educacionais.

Em muitas escolas a inserção de crianças com algum tipo de deficiência no ensino regular está cada vez maior. Contudo, não basta apenas o aluno está presente para garantir seu aprendizado, é preciso que a escola e os professores estejam preparados para receber esses alunos. Uma escola inclusiva é aquela que está apta a receber e oferecer a esses alunos todas as condições necessárias para o seu desenvolvimento.

De fato, é muito complicado, pedagogos não se sentem preparados para exercer seu trabalho, consideram um grande desafio alfabetizar crianças autistas. Nesse sentido, exigirá dos professores formação e reflexão sobre novas práticas de ensino, bem como um olhar diferenciado, mais afetuoso que posso ganhar a empatia e atenção desse aluno. De uma maneira mais objetiva, a maioria das pessoas acredita que o autismo é caracterizado somente por dificuldades de interação social, movimentos respectivos estereotipados, agressividade ou imperatividade. Porém existem outros sintomas que por não serem tão expressivos acabam passando por despercebidos, dificultando assim o diagnóstico. É de extrema importância a observação principalmente dos pais, e do professor em sala de aula para uma boa condução o tratamento quando se for necessário.

Dessa forma, segue o questionamento: Será que é possível alfabetizar uma criança com Espectro do autismo? Qual a metodologia mais adequada? Para onde direcionar essas reações pé - diagnosticado? Como é possível a inclusão dessas crianças no ambiente escolar regular? Como alfabetizá-las? Essas inquietações que as docências possuem, permitem que pensem suas práticas e posturas educacionais, e como esses educadores veem esses alunos, e entender qual o seu papel perante o desafio de ter um olhar diferente dos processos de alfabetização dessas crianças.

O presente estudo tem como objetivo Geral compreender o processo de alfabetização de crianças com autismo no âmbito escolar e os desafios da docência, quando ela se depara com crianças com autismo na sala de aula. É como objetivos específicos elencamos: ao leitor a importância da alfabetização com autista; demonstrar que é possível mudar esse contexto acrescentando novas modalidades ricas nessa perspectiva de ensino E trazer apontamentos e discussões sobre os desafios da docência nos processos de alfabetização de crianças autistas e uma reflexão sobre a inclusão do âmbito escolar.

Deste modo, este artigo foi realizado por pesquisa bibliográfica, trazendo discussões e reflexões sobre o papel da docência no processo de aprendizagem de crianças com autismo. A intenção foi trazer estudos que possibilitem uma maior compreensão de como funciona os processos de aprendizagem e os desafios encontrados pela à docência nessa caminhada.

Segundo Rosita Edler Carvalho (2006), para incluir um aluno com características diferenciadas numa turma dita comum, há necessidade de se criarem mecanismos que permitam que ele se integre social, educacional e emocionalmente com seus colegas e professores e com os objetos do conhecimento e da cultura.

Nesse aspecto, o autismo está ligado a inclusão no ambiente escolar. Com isso, a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, é possível a partir de contatos sociais, que são adquiridos pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social.

Em relação à docência, Silva (2009) aponta a necessidade de orientação aos professores, pois a falta de conhecimento a respeito dos transtornos artísticos que os impedem de identificar corretamente as necessidades de seus alunos com autismo. Segundo Pierre weil, vivemos sobre o princípio da fragmentação, ou seja, estamos habituados a ter uma visão do mundo, sob qualquer, aspecto, fragmentada. Trazer para a nossa realidade social todos os questionamentos existentes sobre como se dar todo o processo de alfabetizar um autista. São muitas as indagações

sobre o tema, apesar de termos muitos alunos autistas incluídos na sala de aula. Todos nós sabemos que ainda falta uma alfabetização rica e significativa no âmbito escolar.

METODOLOGIA

Quando falamos em educação inclusiva temos uma concepção de ensino contemporânea com o objetivo de garantir o direito de todos a educação. Inclusão e incluir e não inserir, partindo de questões físicas ela só insere. Como por exemplo questões de acessibilidade bem como um banheiro devidamente, apropriado, rampas para cadeirantes, entre outros. Quando nos referimos as questões psicológicas também ainda não encontramos um eixo que insira, pois apesar de eles estarem muitos das vezes em sala de aula, ainda não consegue receber aquela aprendizagem de uma maneira totalmente efetiva. É preciso lembrar que a constituição de 1988 garante, que nas escolas Públicas, preferencialmente, a possibilidade de todos os alunos com deficiência serem incluídos nas turmas escolares do ensino regular. É preciso criar recursos novos e utilizar os que já existem, de acordo com a dificuldade de cada aluno. É preciso que todos possam fazer a inclusão acontecer, e que seja efetivada para assim, ter continuidade. O trabalho com a diferença, com a diversidade implica em novas ações na sala de aula, na escola, no bairro ou em outros grupos que complementem o trabalho escolar e que possam minimizar as complexas problemáticas vinculadas ao abandono social e às necessidades educacionais especiais.

Na reflexão e ação sobre a criança e o jovem especial, passamos da etapa de normatização, que é a fase de fazer leis, para a realização de uma inclusão mais efetiva, concreta, cotidiana. Cada criança com autismo tem suas limitações e habilidades que devem ser observadas e trabalhadas. Algumas metodologias de ensino são eficazes para essa aprendizagem, como por exemplo, usar o visual, ler em voz alta, utilizar o quadro negro quando estiver dando instruções. É importante lembrar que esse método é necessário usar tendo em vista a compreensão do professor em saber lidar com esse tipo de situação, apesar das escolas hoje não oferecerem um preparo para esses professores a saberem lidar com esses tipos de deficiência, dentre outros fatores sócias que existem por traz e que muitas das vezes retrocedem de um ponto de vista pequeno. O estudo deste trabalho será fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que a partir do método conceitual – analítico, serão utilizados conceitos e ideias de outros autores pertinentes ao assunto. Indubitavelmente, quando abordamos esse tema, de fato, é preciso se referir a preocupação humana, ao sentimento de pertencimento a um

grupo, aumentando sua autoestima, empatia, o que por si só favorece um fator forte para a aprendizagem. Nesse contexto, trazemos a reflexão a curto, médio ou longo prazo, ensinando de forma comprometida com sua educação, um autista consegue aprender e projetar-se no seu contexto familiar, social e educacional.

A CONSTRUÇÃO DE SABERES

Autismo é dado a um conjunto de transtornos de desenvolvimento que causam problemas na linguagem, dificuldades de comunicação, interação social e comportamental. A partir desta discussão entende-se que há diferentes níveis e tipos de autismo que se torna imprescindível reconhecer. Em 2013, o autismo recebeu uma nova nomenclatura através do manual diagnóstico e estatístico de transtorno mental (DSM-V), que passa a se chamar (TEA) transtorno do espectro autismo, podendo assim, melhorar avaliações e estudos por partes dessas considerações de espectro. O autismo é ainda uma doença sem cura encontrada mais com acompanhamento de profissionais especializados, e tendo a educação garantida conhecer acompanhar a aprendizagem regular, sem falar dos cuidados e dedicação da família. Podemos citar alguns sintomas básicos e seus tipos.

Dificuldade de comunicação, interação e comportamento social comprometidos, comportamentos repetitivos, deficiência intelectual, dificuldade de falar ou não falar. Alguns desses sintomas podem ser reconhecidos entre os dois e três anos de idade. Temos outros tipos de autismo como a (síndrome de asperge) considerado um autismo leve, temos o (transtorno invasivo do desenvolvimento), que tem a interação social prejudicada, competência linguística superior ao transtorno autista com menos comportamentos repetitivos. O (transtorno autista), abrangem crianças e adultos com sintomas mais graves. Os tratamentos mais comuns são: fonoaudiólogo, ludo terapia, grupo de habilidades sociais, análise aplicada do comportamento, e medicação.

A partir dessas informações e condições para tratamento, podemos incluir essas crianças dentro de um ambiente escolar de ensino regular da seguinte forma. Temos que levar em considerações que essa inclusão não implica no atraso do processo de aprendizagem dos demais, dando oportunidades de interação para uma melhor consciência social. Segundo Gauderer (1997) é definido por alterações presentes antes dos três anos de idade e que caracteriza por alterações avaliativas na interação social, ofertando a capacidade de comunicação e o uso da imaginação. Algumas crianças chegam à escola com algum tipo de

entendimento mínimo por já ter o acompanhamento específico ou sem nenhum mínimo conhecimento por não ter ciência de nenhum outro acompanhamento. São características que devem ser levadas em consideração para abordar o conteúdo secular. Lembrando sempre que crianças autistas geralmente, não respondem bem a quebra de rotina ou a barulhos excessivos.

De acordo, com Sasaki (1999) inclusão social pode ser dada como sendo o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades e simultaneamente está se preparando para assumir seus papéis na sociedade. Ou seja, o processo de inclusão depende dos dois de quem não se sente dentro do que se é denominado ou considerado normal e da sociedade como um todo. Isso impede que o tratamento deve ser relativamente normal, para que essas crianças não se sintam diferentes de uma forma negativa. A construção de saberes é essencial para essas crianças, para o seu pleno desenvolvimento.

Segundo Silva (2013) assim como para qualquer criança representa um papel importante, isso para o desenvolvimento da criança autista pois contribui para a socialização e tem efeitos positivos sobre a aprendizagem, estimula o desenvolvimento de habilidades básicas de novos conhecimentos. Partindo desse pressuposto, e levando em consideração as informações já informadas no decorrer desse artigo, para a inclusão na alfabetização. Um ponto bem importante é que essas crianças autistas, tem um tempo de concentração limitado e assim perdem interesse, porém pode ler também bem cedo e se tornar determinados em assuntos de seu interesse. Trazer para essa aprendizagem algo de fora que possa prender sua atenção e assim, está conectado a rotina da aula.

Segundo Ferreira (2000) o professor não pode, se tornar um prisioneiro de suas próprias concepções; as de um culto alfabetizado para ser eficaz deverá habituar -se seu ponto de vista ao da criança. É preciso estar conectado ao aluno e fazer que seus métodos sejam eficazes na sua aprendizagem, além da adaptação do aluno e necessário o professor também se adequar as necessidades daquele aluno para assim termos um padrão social de qualidade. Com as discussões sócias ganhando maior evidência no cenário nacional, a Educação especial ganha mais espaço, principalmente a partir de 1996, com a aprovação da Lei de diretrizes e bases (LDB) nº 9.394, que dispõe no seu capítulo V, “sobre as diretrizes específicas da educação Especial, reconhecendo-a como modalidade escolar, devendo ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superlotação”. (BRASIL, 2017, p 39).

Esse marco histórico para a educação brasileira, infelizmente, não foi suficiente para a efetivação de uma educação de qualidade a esses alunos, e tão pouco garante o acesso de todos

a educação. Já em 2008 foi promulgada a Política Nacional de Educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Reafirmando o direito de todos os alunos frequentarem o ensino regular. Posteriormente, e promulgada a lei n 12.764/12 que institui a Política Nacional de Proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista que dispõe no seu art. 3, inciso IV, ‘a) – o acesso à educação’’ (BRASIL, 2012, p.2).

Para Quixaba (2015, p.88) ‘‘ questões relevantes como o ingresso na escola e os tipos de atendimento devem fazer parte constantemente das discussões e das políticas educacionais direcionadas para pessoas com deficiência[...]’’. Consoante a autora, não podemos ignorar que o número de crianças com algum tipo de deficiência, inclusive com TEA, só aumentam nas escolas. O que significa que o estado e a escola precisam estar preparados para recebê-las. Com o direito garantido em lei, ‘‘a possibilidade de alfabetização representa uma enorme conquista na vida de qualquer ser humano, e muito mais para criança com diagnóstico autista e suas famílias’’ (GRENZEL, 2019, p.3).

Sabemos de forma peculiar que os alunos autistas têm de ver o mundo a sua volta o que torna difícil a sua alfabetização, pois apresenta dificuldades com a comunicação, linguagem, comportamento e interação. Todas as características peculiares que o autista traz consigo exigir do professor uma didática específica para alfabetizá-los. Ressaltamos a importância desse profissional, juntamente com a família, organizar rotinas com a criança autista; desenvolvimento assim, um trabalho mais produtivo e uma alfabetização significativa.

RESULTADOS

Diante desse estudo percebeu que A alfabetização de crianças autistas é um trabalho desafiador, principalmente, porque tira o professor de sua ‘‘zona de conforto’’ ou daquilo que ele já está acostumado a fazer em sala de aula. Ficou evidente que é preciso que os professores se reinventem, e acima de tudo, tenham disposição e paciência para ajudar, não esquecendo de trabalhar com empatia e afeto também. É claro que sempre vai haver adversidades, mas o educador não pode se frustrar com as dificuldades e erros cometidos. No começo, as crianças autistas como qualquer criança mostrará resistência ao aprendizado, mas com o tempo se acostumarão com a rotina escolar. Tudo isso contribuirá com seu processo de alfabetização.

O professor assume também uma responsabilidade social ao realizar seu trabalho, o professor além de contribuir para a formação do aluno, realiza uma ação educativa e de

construção de conhecimentos, adotando como componentes fundamentais à valorização da sensibilidade e da ética. Nesse sentido, o professor não precisa ser um especialista em transtornos ou tratamentos, Ele precisa tratar do seu aluno, percebendo que o tratar seria um ato de cuidar dessas crianças para ajudá-las encontrar modos de se inserir na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/1996 – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

_____. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista - Lei nº 12.764/2012 – Brasília. Diário Oficial da União - Seção 1 - 28/12/2012, pág. 2. Disponível em: Último acesso em 17 jun. 2020.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". 4. ed. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2006.

FERREIRO, Emília: Reflexões sobre alfabetização. São Paulo, Cortez editora (2000)

GAUDERER, E.C. Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

GRENZEL, Fabiana Boff. A Alfabetização de crianças Autistas. In: Formação, prática e pesquisa em educação 3. Organizadores Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, MAURÍCIO Rizzatti. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Formação, Prática e Pesquisa em Educação; v. 3)

QUIXABA, Maria Nilza Oliveira. A inclusão na educação: humanizar para educar melhor. São Paulo: Paulinas, 2015.

SASSAKI, Romeu Kasumi. Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999, 174p.

SILVA LMda. Educação Inclusiva e a formação de professores 2009. 90f

VEIGA, I. P. A. Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações. Papyrus Editora, 2006.